Entrevista de José da Silva Lopes: a adopção do euro por Portugal (Lisboa, 23 Outubro 2007)

Source: Interview de José da Silva Lopes / JOSÉ DA SILVA LOPES, Miriam Mateus, prise de vue : François Fabert.- Lisbonne: CVCE [Prod.], 23.10.2007. CVCE, Sanem. - VIDEO (00:09:25, Couleur, Son original).

Copyright: Transcription Centre Virtuel de la Connaissance sur l'Europe (CVCE)
All rights of reproduction, of public communication, of adaptation, of distribution or of dissemination via Internet, internal network or any other means are strictly reserved in all countries.
Consult the legal notice and the terms and conditions of use regarding this site.

URL:
http://www.cvce.eu/obj/entrevista_de_jose_da_silva_lopes_a_adopcao_do_euro_por_portugal_lisboa_23_outubro_2007-pt-59b7e720-c779-43ff-bd8a-0bcfb736c6e0.html

Last updated: 04/07/2016

Entrevista de José da Silva Lopes: a adopção do euro por Portugal (Lisboa, 23 Outubro 2007)

[Miriam Mateus] A partir de 2001, com a adopção do euro, acha que esta medida foi benéfica ou não para Portugal?

[José Silva Lopes] Foi benéfica. Foi benéfica, embora eu discorde das condições da adesão e talvez até admita que devia ter sido mais tarde. A adesão não se fez em 2001, fez-se salvo erro em 1998 porque depois é que apareceu a moeda propriamente dita, mas nós já tínhamos aderido. Quer dizer, de facto, o escudo desapareceu no fim de 1998, começou já a funcionar em 1999. Em 1999 já era euro, embora se usasse ainda notas de escudo, como nos outros países.

Portanto, o euro trouxe muitas vantagens para Portugal. Para já, trouxe aquela vantagem que, a nós, consumidores nos impressiona muito: esta coisa de a gente ir à Finlândia ou à Alemanha e utilizar a mesma moeda que utiliza em Lisboa. Portanto, isso dá uma sensação de bem-estar e de facilidade que é enorme – e eu hoje, realmente, já começo a ter pouca paciência para ir à Inglaterra e para estar a trocar moedas, portanto isso é verdade. Agora isso é mais simbólico do que outra coisa, embora também tenha enfim…isso implica depois também custos de conversão de moedas, tem um certo peso. Acho que está estimado que isso pode valer à volta de 0.5% a 1% do PIB, portanto tem um certo peso. Essa é a vantagem que as pessoas notam logo e que tem alguma importância, mas não é fundamental.

A outra vantagem importante é que nós estamos isentos de ataques especulativos. Se, por exemplo, com estas crises que tem havido ultimamente com o petróleo, com isto, com aquilo e com aqueloutro, com a balança de pagamentos, se Portugal não tivesse o euro, havia uma especulação contra o escudo que era uma coisa fabulosa. Se calhar tínhamos que ter taxas de juro altíssimas e tínhamos que ter restrições de balança de pagamentos… enfim, uma coisa complicada como a gente teve. Eu, aliás, fui governador do Banco de Portugal numa altura em que a gente tinha que fazer face a esses ataques especulativos e sei como é que a vida era difícil. Esse problema desapareceu e, nesse aspecto, foi também uma coisa importante.

Por outro lado, tivemos uma enorme baixa das taxas de juro. Porque, quando a moeda era o escudo, havia, digamos, um elemento de risco nas aplicações financeiras em Portugal que agora não há. Naquela altura, quando se fazia um investimento em Portugal, havia sempre o risco de haver uma desvalorização ou uma coisa qualquer, que levava a que os juros tivessem sido mais altos. Quer dizer, quem aplicava dinheiro em Portugal… Suponhamos que a taxa de juro era de 7% na Alemanha. Quem tivesse dinheiro, antes queria pôr a 7% na Alemanha do que a 10% em Portugal, porque havia o risco de o escudo desvalorizar e, a certa altura, valer menos a aplicação que se fez em Portugal a 10% do que aplicação que se fez na Alemanha a 7%. Havia portanto, um prémio de risco muito grande.

A partir do momento em que passámos a ter a moeda alemã e o Banco Central Europeu a garantir que a moeda era credível, as taxas de juro em Portugal vieram por aí abaixo. Nós tínhamos inicialmente taxas de juro, no princípio da década de 1990, tínhamos taxas de juro na ordem dos 13%-14% e depois a taxa de juro veio para 3% ou 4%, foi uma queda. Isto foi uma grande vantagem para os Portugueses todos, que a gente aproveitou mal, mas enfim isso é outra coisa. Mas foi uma grande vantagem para todos nós. Inclusivamente para o Estado, pagou menos pela divida pública, tudo isso.

Portanto, nós tivemos a vantagem da baixa das taxas de juro, tivemos a segurança de não haver ataques especulativos, tivemos a vantagem das transacções internacionais serem desoneradas pelos custos da conversão das moedas. Agora, tivemos um problema: é que dantes podíamos desvalorizar o escudo e agora não podemos desvalorizar a nossa moeda porque a nossa moeda é o euro. Portanto, agora a nossa moeda é aquilo que o euro resolver. Quer dizer, o euro valoriza-se ou desvaloriza-se em relação ao dólar, mas da relação entre a moeda portuguesa e a moeda alemã já não se fala em mais nada. Os Alemães conseguem revalorizar a moeda deles em relação à nossa – e é um bocado difícil de explicar em termos que toda a opinião pública perceba –, mas os Alemães conseguem revalorizar a moeda deles em relação a nós de uma maneira muito fácil: é que aumentam menos os salários deles do que os nossos. Mas nós, como somos um bocado latinos, imprudentes… continuamos a aumentar os salários mesmo quando não podemos. E por

outro lado, aproveitámos a baixa das taxas de juro para começar a gastar à grande.

Não foi só… quer dizer foi o Governo que lançou…– o que poupou nos juros da dívida pública começou a gastar noutras coisas em vez de ter uma política orçamental equilibrada, foi «toca de gastar»; foram as empresas – as taxas de juro eram baratas, «toca de investir» e investir mesmo que não fosse lá muito bem; foram os consumidores – as taxas de juro são baratas, «toca de gastar». Eu estou num banco, aliás sou também culpado desta *coisada* toda, andamos a emprestar dinheiro para as pessoas comprarem segundas habitações, para irem passar as férias ao Tahiti… Os Portugueses são hoje, na Europa, os mais endividados depois da Holanda. É verdade a Holanda, não sei bem porquê, mas enfim, a Holanda ainda está mais endividada do que nós, ou melhor as famílias.

Mas nós aproveitámos estas facilidades do euro. Em vez de termos alguma contenção, aproveitámos para nos lançar nisto, porque o euro trouxe-nos também outra facilidade: não só as taxas de juro são mais baratas, como nós passámos a ter muito mais facilmente acesso ao crédito externo. Hoje quando a gente precisa de dinheiro, quer dizer, quando alguém quer – eu estou num banco, volto a dizer –, se um cliente nos vem pedir um empréstimo, a gente mesmo que não tenha dinheiro dos depositantes portugueses para lhe emprestar, vamos pedir a um banco alemão que nos empreste. Portanto, os Alemães poupam e nós gastamos. Isto é muito bonito até certo ponto, até ao dia em que os Alemães disserem: «é pá, a gente já não empresta mais». Nessa altura vamos ver como é que é.

Portanto, nós não soubemos, o país não conseguiu ter disciplina. Mas se calhar é difícil porque isto não é… se a gente dissesse que é o Governo, mas não é nada o Governo, somos todos nós. Se nós conseguíssemos ter tido uma maior disciplina, o euro tinha sido um maior sucesso do que o que foi, mas assim tem sido um problema. Mas não é só por isso. O grande problema do euro é que a gente deixou de poder desvalorizar. A gente, dantes, desvalorizava. Quando eu estava no Banco de Portugal, uma das minhas armas mais utilizadas era desvalorizar o escudo. Cada vez que eu desvalorizava o escudo, as exportações portuguesas ficavam mais baratas para os clientes exteriores e as importações provenientes do exterior ficavam mais caras para os importadores portugueses. Desvalorizava aquilo – e eu tenho muitas culpas nessa coisa – e lá ia conseguindo equilibrar a balança de pagamentos. É claro que baixava os salários reais, umas coisas assim que a gente não conversava com toda a clareza, mas ia-se conseguindo manter algum equilíbrio. Agora não podemos fazer isso.

Agora, nós entrámos, em meu entender, para o euro com uma taxa de câmbio sobrevalorizada, porque a gente começou a fixar a taxa de câmbio portuguesa muito antes de entrarmos para o euro – a gente começou a fazer isso em 1989, entrámos para o euro em 1998. É claro que as condições do euro nos imponham isso. Quer dizer, se a gente não tem fixado a taxa de câmbio antes, não tínhamos conseguido entrar para o euro naquela altura, mas devíamos ter entrado com uma taxa… quer dizer, devíamos ter conduzido as coisas por forma a que a taxa de câmbio não fosse o que foi. A gente marcou a taxa de câmbio de 200 escudos, mais ou menos 200 escudos por euro, e se calhar devíamos ter posto uma coisa maior, 220 ou 230 ou 240, não sei bem.

De maneira que… isso é difícil explicar à opinião pública, mas eu considero que foi um grande erro nosso. É claro que, se a gente tivesse seguido a política que eu acho que era necessária, se calhar já não tínhamos conseguido entrar para o euro em 1998, se calhar tínhamos entrado um pouco mais tarde. Por outro lado, tínhamos que apertar porque tínhamos uma inflação muito superior à dos outros países. A Alemanha ou esses países andavam com inflações de 3%, 4% ou 5%, naquela altura, e nós andávamos com 14%-15%. E o grande problema foi a gente querer entrar para o euro com esta inflação. Mas isto é difícil explicar. E a gente entrou fixando a taxa de câmbio. Tivemos consequências más. Nem todos os economistas dirão o mesmo que eu digo, mas eu acho que o nosso erro foi esse. Mesmo assim, valeu a pena entrar para o euro, eu acho que valeu a pena. Agora, vamos penar, estamos a sofrer desde 2001 e vamos continuar a sofrer.